

Paulo de Tarso

Grego e Romano, Judeu e Cristão

José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel,
Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues (coords.)

MOISÉS E PAULO EM BUSCA DE UM POVO

ANA PAULA GOULART

Universidade de Lisboa

Centro de História da Universidade de Lisboa

Moisés e Paulo são duas enormes personagens no compêndio civilizacional que constitui a *Bíblia*. Constatá-lo é por si só uma evidência, já que a sua simples menção povoa a mente de episódios, controvérsias e epistemologias. Moisés, que durante um longo período de tempo foi também considerado o autor do Pentateuco, estruturou em torno de si amplos e significativos discursos que nutriram diversos pensamentos religiosos em toda a sua significância histórica, cultural e antropológica. Paulo, no outro extremo cronológico e conceptual do espectro bíblico é aquele a quem se atribui o papel de transformar uma variante do judaísmo tradicional num discurso materializado numa igreja que integra, modifica, universaliza e sobrevive às contingências de uma longa diacronia.

O que me propus foi pois fazer uma reflexão sobre estes dois agentes produtores, receptores e organizadores de um singularíssimo tipo de discurso: o discurso divino/o discurso sobre o divino.

Será que estas figuras têm entre si – tão só por o serem – particularidades que as tornam únicas e, apesar do muito tempo que as separa, cotejáveis? Vejamos. No início... No início foi Moisés...

O nascimento de Moisés, como é narrado em *Ex 2*¹, omite os detalhes prosopográficos, tradicionalmente abundantes, que enquadravam a vida dos anteriores patriarcas e correspondiam a uma prática cultural corrente. Não há referência ao nome dos seus pais ou irmãos, restringindo-se a única menção genealógica, à ligação dos seus progenitores à casa de Levi. Na sequência de arbitrariedades faraónicas, a criança será depositada no Nilo dentro de um pequeno cesto. O resgate que depois acontece – a princesa egípcia que o salva – significa a sua adopção para um meio que representava uma realidade em tudo oposta à da sua proveniência, propiciando o conhecimento desse mesmo meio. Nessa medida, a adopção de Moisés poderia também traduzir um discurso de apropriação por parte da realidade cultural hebraica sobre a dominante cultura egípcia. É um momento dissociativo entre um povo e aquele que irá ser o seu libertador. «Este é um dos hebreus»² diz a filha do Faraó; a partir desse momento e até à sua maturidade, Moisés estará longe do seu povo.

Quase nada se sabe sobre a família de Paulo; mesmo o seu lugar de

¹ Todas as citações da Bíblia foram feitas a partir da *Nova Bíblia dos Capuchinhos*, Fátima, Difusora Bíblica, 1998.

² *Ex 2,6*.

nascimento, mais frequentemente mencionado, Tarso, pode, segundo alguns autores, antes ter sido um lugar de chegada³. Variadas são também as opiniões sobre o seu estatuto social e jurídico, bem como sobre a sua formação intelectual. É claro que sobre estas controvérsias há que estabelecer uma factologia minimamente consensual. Daí que se afirme que Paulo seja natural de Tarso, filho de uma família farisaica detentora de estatuto social e económico elevados, tendo o próprio Paulo a cidadania romana. Quanto às suas competências linguísticas são-lhe reconhecidas no aramaico, no hebraico e no grego e acredita-se que terá estado ligado à «escola» de Gamaliel.

Uma coisa é certa – quando Estêvão foi morto, Paulo estava presente e talvez tenha ouvido parte da história que o mártir evocava antes de ser lapidado: «Nessa altura nasceu Moisés que era agradável aos olhos de Deus. Foi criado durante três meses em casa de seu pai»⁴. Saulo estava com o seu povo.

Atentemos agora no significativo e complexo processo que é a nomeação destas duas personagens. Voltemos a Moisés: «E deu-lhe o nome de Moisés, dizendo: “Porque o tirei das águas”»⁵

Embora postas na boca da filha do Faraó, as palavras são hebraicas, propiciando o aparecimento de uma etimologia popular em torno do verbo *machab* que significa «tirar».

Às pessoas egípcias que rodeassem o pequeno Moisés esta explicação seria incompreensível. E há efectivamente a possibilidade de explicar a etimologia deste nome, à luz do significado das palavras e da estrutura dos nomes egípcios.

Vejamos no nome Ramsés – em egípcio *Rc-me-sw*. «Ra», a primeira parte do nome, contém a referência expressa ao nome do deus – neste caso «Re» e a segunda parte, *ms-sw* é o verbo e significa «criou-o». Ramsés quer pois dizer «o deus “Re” criou-o»⁶.

No caso de Moisés, ter-se-ia dado a aférese do componente teofórico, fosse ele qual fosse, mantendo-se a segunda parte do nome, o verbo, MS, «criou». Estes fonemas teriam originado um fenómeno de homofonia com o verbo hebraico *machab*, consentindo uma abordagem plural, erudita e popular de dois nomes para dois mundos.

Os nomes de Paulo por sua vez, estão também sujeitos a alguma controvérsia. Saulo, o desejado, passa a ser Paulo o que estaria aparentemente muito consentâneo com a sua qualidade de cidadão romano. Desconhece-se contudo uma razão ponderosa que explique a utilização de um ilustre nome romano como cognome de um judeu. Deixar o nome Saulo teria algumas

³ Murphy-O'Connor, 2004, 2-3.

⁴ Act 7,20.

⁵ Ex 2,10.

⁶ Goulart, 2001.

vantagens, já que em grego soa muito semelhante a *saulósch*, que significa «o que se move com lentidão, o efeminado», o que seriam alusões pouco abonatórias para uma personagem que pretende impor-se nas diásporas de falares gregos⁷.

Assim, afirma-se com frequência, que a passagem de «Saulo» a «Paulo» se baseia antes numa certa homofonia consentida pela convivência de dois nomes em dois mundos que se sobrepõem.

Para Moisés e Paulo a aventura ainda nem começou; improváveis protagonistas de desempenhos ainda ignorados, em breve estarão em viagem. E, como motor destes movimentos estará uma das entidades mais significantes no discurso do humano – deus. Para Moisés, está consignado o regresso, para Paulo inicia-se uma interminável partida.

O regresso de Moisés é literal⁸ – já crescido, Moisés vem visitar os seus irmãos, e como tivesse visto um egípcio a maltratá-los, matou o egípcio e enterrou-o na areia. Quando o faraó é informado do sucedido, manda matar Moisés. Este foge para Madiã. Aí chegado, irá integrar a família de Jetro pelo casamento com Séfora. O tempo de Madiã é um tempo de maturação e resgate. Nos *Actos dos Apóstolos* 7,30 é referido que a estadia de Moisés teria durado quarenta anos. Esta referência temporal, comum a várias passagens do relato bíblico, é decifrada como contendo a menção a «um tempo certo para»...⁹ e serão também quarenta os dias que Moisés passa na montanha. Ex 24,18. Volvidos estes, estaria pronto para o fogo – a hierofania da sarça ardente e para a palavra de Javé: «Moisés, Moisés!»

Na vida de Saulo nenhuma alteração de conteúdos nos alerta para uma possível mudança. O que há é o anúncio da viagem. Uma viagem para Damasco onde o jovem Paulo desejava continuar as suas aturadas perseguições aos seguidores de Cristo. «Estava a caminho e já próximo de Damasco quando se viu subitamente envolvido por uma intensa luz vinda do céu. Caindo por terra ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, porque me persegues?»¹⁰ Dominando a cena mais uma vez – a luz e a palavra.

A resposta de Paulo a esta pergunta, e a subsequente alteração dos seus valores e modos de vida, vão para além de um episódio na história religiosa. É pertinente inquirir a que é que se converte Paulo e com que consciência. Que atitude é esta, que terá por consequência a desintegração social, política e religiosa de quem a assume, reposicionando o indivíduo num futuro inconstruto. Será aqui a conversão um acto de debilidade cultural ou será justamente o seu contrário?

Devo confessar que quando reflecto, a partir desta contemporaneidade, sobre a metáfora da estrada de Damasco alguma desconfiança me invade.

⁷ Rodrigues, 2007, 677.

⁸ Ex 2, 11-12.

⁹ Soggin, 1997, 188.

¹⁰ Act 9,34.

Fantasio-a como um momento em que dois planos discursivos se interceptam e, quem disso se apercebe, pode efectivamente cair de um cavalo... São as hodiernas auto-estradas de Damasco, cheias de engarrafamentos e de travagens bruscas e onde se tem de escolher, com a maior rapidez, o meio de transporte mais adequado.

Nada sei das íntimas motivações de Paulo. Mas todos sabemos do seu percurso. No início, é anónimo perseguidor das primeiras comunidades cristãs, no fim, é o obreiro reconhecido da expansão dessas comunidades, o grande doutrinador do cristianismo, e de facto, o homem mais importante da igreja. As vastas comemorações por altura do seu bimilenário o comprovam.

O tempo certo de Paulo, os seus simbólicos quarenta anos, na aceção de «o tempo necessário para» conta-se desde o ano do seu nascimento 6 a.C. até à viagem a Antioquia, ocorrida em 46 d.C. pois, como é referido em *Actos* 2,26 «Foi em Antioquia que pela primeira vez os discípulos começaram a ser tratados pelo nome de “cristãos”».

Pode-se perguntar se no tempo de Paulo a evocação desta cifra teria ainda o significado que tivera em tempos mais remotos; a passagem da segunda carta aos Coríntios faz-nos crer que sim – «cinco vezes recebi dos judeus quarenta açoites menos um»¹¹. Esta precisão parece uma paráfrase antinómica, conscientemente construída, e que contraria a perfeição que o número quarenta sugere. É pois com alguma naturalidade que verificamos tópicos comuns nos dados da biografia mosaica e paulina, como se ecos fossem de realidades sujeitas às múltiplas transformações inerentes à evolução dos discursos culturais.

Em *Ex* 4,2-5 é narrado o episódio da vara de Moisés; vara que se transforma em serpente, para depois, com as instruções de deus, voltar a ser vara. Este «voltar a ser» é meramente descritivo, pois a vara transmutada não poderá nunca mais ser a mesma, uma vez que, após o acto ritualizado, ela fica enriquecida pelo poder do simbólico.

Em *Actos* 28,1-6 é narrado o incidente, que em Malta, Paulo também teve com uma cobra que o morde. Só que ao contrário das expectativas dos que o observavam, esta não o mata. «Depois de terem aguardado e verem que nada lhe acontecia, mudaram de opinião e começaram a dizer que ele era um deus».

Paulo já não precisa da vara de pastor transformada em bastão mágico, mas a verdade é que tal como em *Ex* 4,31 «o povo acreditou». No mesmo sentido se orienta a acção de Paulo quando intervém perante a serva que tinha espírito pitónico. (*Actos* 16,16-18). Será pois legítimo concluir que qualquer que fosse o mundo que alvorecia, pelo menos uma parte dele denotava manter antigas preocupações quanto à delimitação do domínio da magia e da religião, e na separação dos planos humano e divino.

¹¹ 2*Cor* 11,24.

Recordamos o episódio do bezerro de ouro, narrado em *Ex* 32, cujas consequências iam fazendo perigar a aliança entre Javé e o seu povo.

Atentemos agora no episódio narrado em *Actos* 14,13-14, «Então o sacerdote do templo de Zeus, fronteiro-à-cidade, trazendo touros e grinaldas para as portas da cidade, pretendia juntamente com a multidão, oferecer-lhes um sacrifício. Ao terem conhecimento disso, os apóstolos Barnabé e Paulo rasgaram as vestes e precipitaram-se para a multidão gritando».

Esta violenta rejeição é-nos explicada na carta aos Romanos «de facto antes da lei, já existia o pecado no mundo; mas o pecado não é tido em conta quando não há lei.»¹²

Apesar disso desde Adão até Moisés reinou a morte. Nesta afirmação Paulo delimita o horizonte pretérito das significâncias para o seu discurso em construção. A ordem de Javé, estabelecida em Génesis, é insuficiente. Não será bem uma ordem: é só um não caos; é pois necessário o aparecimento de Moisés para dar deus, tradições, rituais, terra e passado ao povo do Êxodo. A Moisés é revelado o Deuteronomio – a outra lei.

É sobre esta experiência que Paulo, tendo certamente em conta as inúmeras modificações sociais, políticas e económicas entretanto ocorridas, começa a escrever a «Nova Lei» para os povos de todos os Êxodos e de todos os *Eisodos*. A mítica epopeia de Moisés, guiando o povo através do deserto, inspirado por Javé durante quarenta anos (o tempo necessário), teria agora, em renovada aliança, a sua continuação.

Desta vez com Paulo, o apóstolo de Cristo, com todos os povos, por todos os territórios «meu pai era um arameu errante», lia-se no pequeno credo¹³ e poderia talvez agora ler-se, sem forçar muito a imaginação: «Meu pai é um cidadão de Roma».

Os discursos que servem um conjunto de nómadas e semi-nómadas, não podem ser os mesmos que irão servir às sociedades de um vasto conjunto de povos organizados pela estrutura política, social e económica do império romano.

As viagens de Paulo evocam essa diversidade e introduzem um novo tópico em relação à viagem exódica. Moisés buscava a terra para o *seu* povo e esperava que durante a viagem ocorressem todas as alquimias culturais que criassem nas pessoas a consciência de povo. Paulo antes procurava os povos e levava-lhes a palavra: «não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, que são os vossos corações»¹⁴. O espaço onde poderá ocorrer esse encontro está no enunciado de Tertuliano: *ubique populus...*

A hierofania de Damasco feita em moldes de outros tempos, tem exactamente essa pertinência – a de possibilitar o reconhecimento. Mas para

¹² *Rm* 5, 13-14.

¹³ *Dt* 26,5-9.

¹⁴ *2Cor* 3,3.

Paulo, mais do que tudo, fora necessário agir, como ele próprio reconhece na *2ª Carta a Timóteo* 4,7: «combati o bom combate, terminei a corrida, permaneci fiel.»

Fiel por oposição a Pedro que também assistira à transformação de Cristo, no célebre episódio narrado em *Mateus 17*: «Pedro disse a Jesus: Senhor, é bom estarmos aqui; se quiseres, farei aqui três tendas uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias».

A metáfora das três tendas, evocando o regresso às tribos, há muito que fora ultrapassada pelas novas realidades que integram o ideário de Paulo. Tendo ainda presente a oferta de Pedro e as três tendas, voltemos a *Actos dos Apóstolos* 18,1-4: «Depois disso, Paulo afastou-se de Atenas e foi para Corinto. Encontrou ali um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, porque um édito de Cláudio ordenara que todos os judeus se afastassem de Roma. Paulo foi procurá-los e, como eram da mesma profissão – isto é, fabricantes de tendas – ficou em casa deles e começou a trabalhar».

As tendas irão ser retecidas, e o tecelão é Paulo de Tarso.